



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia ... Novembro de 2016 ... nº 214



SEDNA, REGENTE INUIT DAS PROFUNDEZAS DO MAR*

Por Mirella Faur

“Meus dedos foram decepados, fui ferida e machucada, mentiram para mim, fui traída e abandonada. Meu sofrimento era imenso, nas profundezas do coração do oceano onde me deixaram para morrer, compreendi o modo como vivi minha vida desamparada e com medo, sempre numa atitude passiva em vez de ativa, e percebi o que fiz. À medida que a compreensão expandiu minha consciência, peixes e mamíferos aquáticos cresciam dos meus dedos cortados. Transformei-me num “velho prato de comida”, Aquela que sustenta seu povo, não mais uma vítima”.

The Goddess Oracle. Amy Sophia Marshinsky

“Deusa do mar e do céu, dos Teus dedos floresceram as baleias, Tu habitas no fundo do abismo onde somente os mortos Te visitam. Tanto tempo ficaste distante amada amiga, mas hoje, Te encontro para além de todos os caminhos, onde somente o Sol aquece o mar frio”.

Silêncios Largos. A.Klein

Sedna é um arquétipo divino amplamente cultuado pelos povos inuit que habitam nas regiões polares do Canadá, Alaska, o Extremo Norte de Rússia, Sibéria, Finlândia, Suécia, Noruega, Islândia e Groenlândia. Estes povos adotaram algumas crenças cristãs, mas seguem basicamente suas tradições religiosas ancestrais. O conceito principal deles é que todos os animais têm alma (*anua*), da qual uma parte (*anarneq*) ia para o mundo subterrâneo, enquanto *tarneq* era a manifestação física da alma. Cada tribo tinha tabus e cerimônias para assegurar a prosperidade, saúde e sucesso nas caçadas, tendo seus xamãs que viajavam ao reino dos espíritos para procurar ajuda, proteção e orientação.

Havia várias divindades que cuidavam de cada espécie de animais e das atribuições e atividades humanas, mas todos eram filhos da mesma “Senhora dos Animais”. Ela recebeu várias formas e nomes como Sedna



no Canadá; *Arnakapfaluk* (“A grande mulher má”), *Nivikaa* (“A mulher jogada fora do barco”) e *Nerrink* (“comida do mar”) na Groenlândia ou *Meghetagna* na Sibéria. Amada por algumas tribos, temida por outras, mas sempre respeitada e reverenciada, o seu mito inclui temas de sofrimento, vingança, abundância e nutrição, sendo considerada pelo povo do Alasca a provedora dos alimentos do corpo (por parir peixes, focas, baleias e ursos polares) e do fortalecimento da alma (pelo redirecionamento da raiva, do sofrimento e o alcance de uma nova condição espiritual).

De uma simples mortal que era, ela se transformou em uma Deusa, Guardiã e Senhora da fauna e flora marinha. A história da sua vida é triste, retratando as agruras da vida nas regiões árticas: perto do oceano Ártico vivia *Anguta*, um velho viúvo muito pobre, e sua linda filha *Sedna*, cobiçada por todos os homens. Porém, ela

era muito pretensiosa e ativa e não queria nenhum dos pretendentes, até que um dia, um lindo pássaro aquático metamorfoseou-se em um jovem e começou a cortejá-la, prometendo-lhe uma vida faustosa, com bastante calor, luxo, comida e servas para cuidar dela.

Encantada pelas promessas, *Sedna* se deixou levar nas asas do pássaro (uma gaivota gigante) para bem longe do seu pai, que não tinha concordado com a sua decisão. Porém, logo descobriu que o pássaro tinha mentido, ele não possuía nada, em lugar do palácio prometido a morada era um ninho sujo e malcheiroso e era ela que devia cuidar de tudo, passando frio, fome e solidão, se alimentando das carcaças de peixes.

Sedna começou a lamentar o seu antigo comportamento altivo, que a fez rejeitar inúmeros partidos melhores. Cada vez mais infeliz, ela pediu ao seu pai para vir buscá-la, o que ele fez, atravessando o mar no seu velho caiaque. Não se sabe ao certo como ele conseguiu tirar sua filha das garras do pássaro, mas assim que eles começaram a navegar, o povo dos pássaros, enfurecidos pelo rapto, saiu na sua perseguição, dando bicadas e batendo as asas, levantando ondas gigantes. O pai tentou escapar, mas seu frágil barco não podia enfrentar o mar bravio, ainda mais com um peso a mais do que na ida. Querendo se salvar, ele empurrou *Sedna* cruelmente para as ondas, mas ela lutou desesperada para sobreviver e se agarrou na beira do barco. O pai cortou seus dedos e, quando mesmo assim, ela conseguiu apoiar seus braços na beirada, ele decepou os braços também e os jogou na água, empurrando sem remorsos sua filha para o fundo do mar gelado. Os dedos e braços se transformaram logo em seguida em peixes e mamíferos marinhos e *Sedna* foi afundando cada vez mais.

SEDNA E O SUBMUNDO INUIT

Sedna desceu até *Adlivun*, o submundo da mitologia



inuit, onde foi viver em uma caverna formada de rochas e ossos de baleias. Odiando seu pai pela maldade cometida com ela (que o tinha respeitado e cuidado enquanto juntos), ela o amaldiçoou para ficar aleijado (ou, em outra versão, os cachorros comeram seus braços). Como ressarcimento, ao descer para *Adlivun*, *Anguta* (seu pai) passou a servir *Sedna*, levando para ela os espíritos dos homens mortos no mar. Os mortos ficavam numa região perto da caverna de *Sedna*, cujo acesso era cheio de obstáculos e desafios, que os xamãs deviam superar quando “desciam” nas suas viagens astrais. Havia um abismo com uma roda de gelo girando sem parar e criando correntezas, um caldeirão borbulhante pleno de esqueletos e um enorme cachorro de aspecto tenebroso (alguns mitos o consideram a meta-morfose do seu marido), vigiando o estreito corredor que levava à porta de *Sedna*. Era permitida a entrada de quem tinha morrido por doenças e das mulheres mortas no parto ou no puerpério. Quando um *inuit* morre, ele é envolvido em uma pele de caribu e velado pelos parentes por três dias. Os corpos dos idosos têm seus pés apontados para Oeste ou Sudoeste, os pés das crianças devem apontar para Leste, dos adultos para Sudoeste e dos adolescentes para o Sul.

Sedna tornou-se a “*Rainha das profundezas do mar, Senhora da vida e da morte*”, nutridora e provedora dos alimentos marinhos e guardiã de seu povo, desde que ele respeite as suas leis. No seu reino — *Adlivun* — os espíritos se purificam antes de seguirem sua jornada para *Quidlivum* (a terra da Lua), onde iam encontrar descanso e paz eterna. Acredita-se que ela tenha o supremo controle dos destinos da humanidade e quase todos os ritos observados pelas tribos esquimós, têm por objetivo apaziguar a sua ira. Os esquimós acreditam que as almas das focas e das baleias se originam da sua morada. Quando um desses animais é morto, a alma fica com o corpo durante três dias, retornando em seguida à morada de *Sedna*, para que seja mandada de volta, novamente, para um novo corpo. Se, durante os três dias em que a alma fica junto do corpo, qualquer tabu ou lei são infringidos, a violação atinge a alma do animal, provocando-lhe dor. A alma luta, em vão, para libertar-se dessa influência, mas é conduzida de volta para *Sedna*. A violação que se prendeu à alma do animal morto provoca, de uma forma que não é explicada, feridas nas mãos de *Sedna*, e ela castiga as pessoas que são a causa de suas dores, mandando-lhes doenças, mau tempo e fome.

Mas se, por outro lado, os tabus forem respeitados, os animais marinhos se deixarão pegar e irão até mesmo ao encontro do caçador. O objetivo dos numerosos tabus em vigor depois de abatido um desses animais do mar é, portanto, impedir que a alma sofra consequências, que também iriam magoar *Sedna*.

Quando Sedna percebia que os seres humanos violavam suas leis, matando animais sem que seja para se alimentar ou de maneira em que lhe causassem sofrimento, ela se enfurecia, provocava tempestades e maremotos e punia a comunidade com fome, guardando os animais em seu ventre. Os xamãs deviam apaziguar Sedna e para isso realizavam vários rituais e práticas xamânicas como projeções astrais, transe e “jornadas” astrais (repletas de perigos e obstáculos) para o seu domínio. Eles se metamorfoseavam assumindo formas de peixe, foca ou golfinhos e tentavam fazê-la sorrir novamente com suas brincadeiras ou penteando seus longos cabelos emaranhados e repletos de algas, pois como ela não tinha mãos, não podia cuidar de si. Eles massageavam com carinho seus braços doloridos e tentavam mitigar suas dores físicas e morais. Quando voltavam, eles eram capazes de aliviar as dores dos humanos, auxiliando-os a superar perdas e incidentes traumáticos das suas vidas: física, material e emocional.

OUTRA VERSÃO DO MITO

Em outra versão do mito, *Sedna* é uma mulher velha, que vive no fundo do mar e envia os animais marinhos para os *inuit* caçarem. Geralmente é generosa, mas quando seu cabelo fica cheio de parasitas e algas, ela se enfurece e não envia mais a caça. Para aliviar seu



sofrimento e restabelecer a fonte de nutrição, os xamãs devem descer e limpá-la, uma aventura perigosa por ter que passar por redemoinhos gelados, fontes borbulhantes, pontes escorregadias e animais ferozes, para depois convencer a “Velha mulher do mar” a conceder novamente a sua generosidade. A vulnerabilidade dela para os parasitas é uma metáfora para designar as falhas e pecados humanos e a quebra de tabus, que podem impedir a abundância do mar.

A sobrevivência e a segurança dos povos nativos dependiam da integração harmoniosa entre a natureza e os seres humanos. Ter sucesso na pesca dependia não somente de perícia e sorte, mas das atitudes morais e a conduta espiritual correta para não quebrar tabus e

regras morais e espirituais, prejudicando assim a interrelação harmoniosa entre o homem e o seu *habitat* natural.

As aventuras de Sedna espelham de certa maneira os eventos na vida das mulheres *inuit*: rapto ou sedução, reclusão ou maus-tratos pelos homens, dependência dos homens para sobreviver, tentativas para se salvar fugindo dos casamentos abusivos e passando depois por punições ou perseguições. Os sofrimentos femininos se localizavam nos cabelos de Sedna — que ela não podia pentear por não ter dedos — e por isso tabus deviam ser observados pelas mulheres durante seu ciclo menstrual e o puerpério, consideradas fases impuras. O medo atávico masculino perante o sangue e o poder misterioso da mulher conceber e parir levou à criação dos tabus, que atribuíam ao ciclo menstrual e ao parto, energias maléficas e doenças que podiam contaminar a comunidade (crenças nocivas masculinas comuns a inúmeros povos indígenas e tribos).

Diferentemente de outros povos nativos, os *inuit* não honravam, nem reverenciavam a maternidade e o poder gerador da mulher. Os tabus eram associados com os cuidados dos cabelos das mulheres, que assim como os de Sedna, guardavam impurezas e energias negativas. Os xamãs tinham como objetivo chegar até Sedna e aliviar as dores dos seus braços decepados; se ela os aceitasse e permitisse que eles voltassem ao mundo terreno, seu perdão ia favorecer a continuação da pesca de focas, baleias e peixes para nutrir os seres humanos. Para assegurar-se da garantia de boas caçadas e fartas pescarias, os xamãs-esquimós desciam para visitar e curar Sedna, pintando-se e machucando as próprias mãos em solidariedade.

Sedna não é uma bondosa Mãe do Mar, mas uma Deusa furiosa e protetora dos animais, que podia ser apaziguada mostrando compaixão e perdão somente quando os seres humanos interagiam com seus filhos e respeitavam suas leis. Os *inuit* sabiam que deviam ser realizados rituais quando o equilíbrio entre o mundo humano e o marinho tinha sido prejudicado, eles oravam para restabelecer a harmonia entre si e a Criadora. A dor deles, da fauna e de Sedna deviam ser reconhecidas e transmutadas; para os povos indígenas a Terra é viva e todos os seres são interconectados. Os esquimós não eram um povo ambicioso, pelo contrário, acreditavam que possuir bens em demasia podia trazer azar para a comunidade. Por isso, no dia de comemoração da deusa Sedna, jovens com rostos pintados iam de casa em casa recolhendo comida e peles. No final do dia, as provisões eram distribuídas para aqueles que não tinham o necessário para sobreviver durante o inverno. Dentre todos os povos “primitivos” que sobreviveram na terra, os *inuit* são os que mais admiração e respeito exercem sobre nós, pela



sua extraordinária resiliência e tenacidade com que enfrentam as duríssimas condições de vida e também por sua peculiar cultura. Na sua cosmologia não existe o domínio da natureza, mas uma intrincada teia de relações e ritos que visam à harmonia, compaixão e cooperação. Ao afastar os véus da negação desta eterna interrelação natu-

ral e global, propicia-se a liberdade e a renovação de todos e do Todo.

Grey Eagle, xamã nativo norte americano e estudioso dos mitos indígenas descreve Sedna desta forma: *“ela é gelada e nua, coberta pelos seus cabelos embaraçados e cheios de algas e crustáceos que ela não pode pentear. Todos os tabus quebrados e os pecados humanos caem no mar e se depositam no corpo de Sedna provocando-lhe dores, enquanto os animais marinhos se afastam das praias e se reúnem ao seu redor para consolá-la. Os povos árticos sabem que o sumiço dos animais indica o momento deles se reunirem e pedir perdão para Sedna; eles dançam e cantam, citando seus remorsos e arrependimento pelas violências infligidas pelos humanos a terra, mu-lheres e crianças e enviam para Sedna suas orações. As mulheres xamãs se preparam para empreender a perigosa viagem para o mundo subaquático onde Sedna vive. Quando a encontram, elas limpam seu corpo, penteiam seus cabelos, acariciam seus braços mutilados, oferecem as orações das pessoas e suas promessas de agirem com respeito e reverência no futuro. Sedna para de chorar, os animais terminam sua vigília e retornam às praias, se oferecendo como alimento para os seres humanos”*.

Os temas de Sedna são abundância, nutrição, fertilidade, sacrifício, redenção, fé. Ela ensina aos seres humanos como recuperar a sua força e a resiliência após tragédias e sacrifícios, encarar e descartar medos e venenos psíquicos (como desejo de vingança, desprezo, amargura, raivas, egoísmo, gula, violência contida). O mito de Sedna nos auxilia na libertação da “consciência de vítima”, que usamos nas situações e relacionamentos que nos oprimem ou limitam a nossa expressão e plena realização. Todas nós fomos discriminadas ou perseguidas como mulheres ao longo da história (nossa e do mundo).

Sedna nos encoraja a resgatar e a manifestar o nosso verdadeiro poder, cortando amarras e recriando a nossa realidade. Ela não sobrevive apenas, mas transforma o

poder da sua raiva e canaliza a vontade para transformar a destruição e sofrimento em construção e redenção, alcançando uma nova consciência espiritual. É importante lembrar que nos lugares profundos e esquecidos de nós mesmas, podemos encontrar o tesouro da nossa força e beleza.

Mesmo sem pertencermos às tribos *inuit*, podemos nos espelhar no mito de Sedna e nos questionar sobre vários aspectos da nossa vida:

*Como reagimos aos desafios e restrições impostas, nos comprazendo no papel de vítimas ou lutando contra as adversidades?

*Quais foram as situações que nos fizeram sofrer por ter nos deixado atrair pelas ilusões e expectativas e como reagimos ao descobrir o embuste, as ciladas e a decepção?

*Já arriscamos a nossa saúde ou bem-estar por querer mais e melhor, caindo nas armadilhas das tentações e engodos?

*O que pegamos ou pedimos para depois sofrer pelo preço e a dor como consequência da nossa imprudência, credulidade ou autoilusão?

*Já nos revoltamos e reagimos contra as injustiças ou transferimos a nossa infelicidade e fracassos para os outros ou nós mesmas?

Para resgatar nosso poder em conexão com o arquétipo de Sedna podemos usar suas correspondências e criar um ritual. Sua simbologia inclui: a cor prata ou azul (na roupa e vela), chocalho ou tambor, um copo com água do mar (ou água com sal marinho), conchas, corais, algas e imagens de Sedna e de animais marinhos.

Arrume os objetos sobre uma mesinha coberta com toalha azul, acenda a vela, crie um círculo de proteção com chocalho ou tambor, invoque a deusa Sedna e peça-lhe a permissão e ajuda para o ritual. Relaxe seu corpo, afaste a conexão com o mundo externo e visualize-se nadando no mar, no meio de algas, conchas, peixes e golfinhos.

Deixe aflorar na sua mente as situações da sua vida em que foi traída, enganada, ferida, fragilizada ou co-locada em condição de vítima (com a sua aquiescência e permissão). Veja estas lembranças dolorosas como amarras se soltando do seu corpo, da sua mente e do seu coração, descendo para o fundo do mar onde servirão de adubo para as algas, seres marinhos e corais. Sinta a energia purificadora do mar aliviando dores e tensões do seu corpo, a brisa suave afastando preocupações e medos, os raios do sol ativando a sua vontade de criar uma vida melhor para você.

Saia do mar renovada e grata à Sedna e aos seres do mar. Visualize quais são as mudanças que deve fazer, quais atitudes tomar e que objetivos buscar. Projete

seus desejos mental e emocionalmente no espelho e invoque a ajuda de Sedna para a sua concretização. Leve uma oferenda de gratidão para Sedna: sopa salgada de tubérculos, frutas, arroz doce, óleo aromático com cânfora (para suas dores), um pente azul, um espelho e um vidrinho de óleo essencial de rosa mosqueta. Entregue-a com respeito e gratidão na beira do mar ou de um rio.

O PLANETA SEDNA

Sedna ficou conhecida mundialmente a partir de 15 de março de 2004, quando astrônomos do Instituto de Tecnologia da Califórnia batizaram o 10º planeta do sistema solar com seu nome. Descoberto em 2003, a existência do décimo planeta que orbita ao redor do nosso Sol foi anunciada um ano depois, antes da descoberta de Éris, designado como asteroide. Suas dimensões exatas não foram ainda determinadas, mas acredita-se que está três vezes mais longe e tem um tamanho semelhante a Plutão, que foi relegado à condição de “planeta anão”, apesar da sua comprovada e bem documentada influência sobre a psique e comportamento humano. Sedna não faz parte do cinturão de asteroides que existe entre Marte e Júpiter, ele é um planeta menor, transnetuniano (os corpos menores do sistema solar que orbitam o Sol a uma distância superior à de Netuno) e está localizado numa região mais longínqua, possível origem dos cometas.

A cor vermelha de Sedna é um enigma, provavelmente devida aos depósitos orgânicos, voláteis e congelados sobre sua superfície. A última vez que Sedna esteve tão perto do Sol como agora (o que tornou possível o seu

descobrimto) foi quando a Terra estava saindo da última era glacial; a próxima vez que ela retornar (seu ciclo dura 11.000 anos) o nosso mundo será totalmente diferente. Alguns estudiosos atribuem o seu descobrimto à nossa era atual de “vitimização” e consideram que a sua presença, ao ter sido reconhecida, foi uma *oportunidade de avaliação e mudança do consciente pessoal e coletivo*, para preservar para as próximas gerações os recursos naturais da sua sobrevivência.

Todo mundo que está vivo hoje tem Sedna no seu mapa natal seja em Áries (onde ela entrou em fevereiro de 1866), seja em Touro, onde entrou em julho de 1965, mas regrediu para Áries até janeiro de 1968, quando entrou de vez no signo de Touro. Alguns dos elementos do seu mito a associam ao signo de Peixes e seus efeitos que são exercidos ao longo de uma geração precisam de muitos estudos comparativos de mapas para definir, com certeza, como agem. A tenebrosa história de sobrevivência descrita pelo mito de Sedna pode auxiliar milhares de pessoas que passaram por experiências semelhantes de sofrimento, perseguição, traições, injustiças, violências familiares e vitimização.

Mas o ensinamento está na sua metamorfose, quando de vítima ela se transforma em Deusa, que nutre o seu povo em lugar de privá-lo de alimentos e se vingar. Sedna nos ensina que podemos sobreviver às tragédias e nos transformar, mesmo passando por desafios, perdas, sofrimentos, injustiças e desgraças.

CARACTERÍSTICAS ASTROLÓGICAS

Positivas: disponibilidade para perdoar, discernimento, percepção clara, reconhecimento do livre arbítrio, responsabilidade, ter consciência das consequências das escolhas e decisões, visão para longe, disposição para se abrir e expor problemas e feridas, empo-deramento.

Negativas: tendência para vitimização, congelamento de emoções ou memórias, facilidade para ser abusada ou explorada, medo de envolvimento afetivo ou sexual, tendência para solidão ou fobia social, violência oculta ou manifesta, histórico de traições, amargura, tendência a sonhar e não agir, transferir a responsabilidade aos outros, vulnerabilidade, credulidade, irresponsabilidade, sentir-se discriminada ou marginalizada, decepções amorosas, conflitos com a mãe, raiva do pai, fuga da realidade para o mundo das fantasias, sonhos e ilusões (vícios, bebida, drogas, jogos de cartas ou online).

Palavras-chave: vítima, quimeras, traição, abandono, alienação, ilusão, engano, fora da realidade, friquidez, isenta de emoções, vulnerável, aérea, intocável, percepção aguçada, sedução, vaidade, culpa, bulimia, gula, fobias, decepção, superioridade, caçar tesouros,



envolvimento com drogas, tesouros ocultos, navegação, passe por períodos de solidão e sofrimento, mas que deve ser usada a força de vontade e a firme determinação para sair do círculo vicioso e evitar a vitimização. Pede-se para ampliar a autocompaixão e buscar o empoderamento com a solução dos problemas mal resolvidos em relação aos assuntos de poder, autoridade e respeito, por todos e o Todo. É importante descobrir o que foi perdido, afogado ou congelado dentro de si, as feridas da alma causadas pela impaciência, violência, raiva contra o pai ou namorados, a vulnerabilidade causada por traumas passados, perdas, clausura, isolamento, humilhação.

Como um antídoto, recomenda-se o envolvimento em organizações ecológicas, de defesa dos animais selvagens, marinhos e em extinção, cuidar de crianças, idosos, pessoas carentes, dependentes químicos, refugiados, emigrantes, auxiliar os habitantes de regiões que passaram por cataclismos naturais ou guerras, as mulheres que sofrem abusos, perseguições e violências. Aceitação, compreensão, superação dos sofrimentos pessoais abrindo o coração para amor e harmonia, permitem derreter as áreas congeladas e curar as partes cortadas ou arrancadas do Eu interior. Tornar-se uma “cuidadora” ou “vigilante” do planeta,

diminui o foco nas dores pessoais e atrai as bênçãos da Grande Mãe e de Sedna.

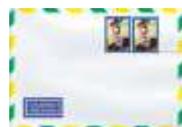
FESTIVAL INUIT ASKING

O Festival esquimó Asking é para agradecer as dádivas das divindades e retribuindo-as com oferendas para as deusas Sedna, Akycha, Apasinasee e Pukkeenegak, padroeiras dos lares e das comunidades. O povo *inuit* realiza no dia 14 de novembro uma grande festa comunitária com troca de presentes ao final, engajando todos na energia alegre do Thanksgiving (agradecer as graças).

Os esquimós acreditam que possuir bens em demasia traria azar para a comunidade. Por isso, neste dia, jovens com rostos pintados vão de casa em casa recolhendo comida e peles. No final do dia, as provisões são distribuídas para quem não tem o necessário para sobreviver durante o inverno.

Adapte este costume para a sua realidade e engaje-se em alguma campanha de arrecadação de fundos para projetos humanitários, ecológicos ou de defesa das mulheres e crianças.

* Texto de Mirella Faur, retirado do livro *As Faces Escuras da Grande Mãe*, Ed. Alfabeto.



Posta-restante

por Maria Amaziles



Maria,

Encontro você às portas do meu mar sem fim, ousando os primeiros passos de uma dança ritual. Agradecer é importante, assim como é fundamental saber retribuir, mas, até que nosso encontro possa se manifestar em perfeita sintonia, um mergulho ainda se faz necessário. Vestida de gratidão e coragem, permita-se enfim confrontar e curar a ilusão da dor e da miséria, feridas tecidas no esquecimento da eterna união comigo, esse veneno amargo de que padece grande parte da minha filiação.

No emaranhado dos meus cabelos, sinto a desarmonia instalada na humanidade, fruto de uma longa feira de equívocos, da raiva enclausurada entre os dentes, da desfaçatez de ignorar as leis do amor em prol da mesquinha. Doem em mim as feridas da omissão de cada criatura, ao sucumbir nas armadilhas do poder despido de respeito, mesmo diante das infinitas possibilidades de celebrar a união. Mas sempre é possível sobreviver às tragédias, colhendo delas uma transformação.

Reconhecer o sofrimento e a dor é o primeiro passo na direção da sua cura, mas não se deixe estacionar neste portal, ainda que a comodidade seja tentadora. Este é o momento para fazer desmorrionar sua carcaça de vítima, deixando brilhar cada vez mais o coração forte e valoroso que perdoa, corrige enganos e segue adiante. Olhar com isenção quantas vezes você contribuiu para que sua própria alma sofresse abusos ou perpetuando relações doentias, constatar o próprio movimento de negociar a própria liberdade por espelhos e plumas, são alguns dos passos necessários para que você conquiste o aprendizado e faça disso tudo muito mais do que um ato de sobrevivência.

Revise seus conceitos de perícia e autoridade. Lembre-se de que o seu poder reside na sua capacidade de amar e ser sábia, na amplitude de seu abraço, da sua capacidade de incluir. Estarei ao seu lado, dentro e fora de você, amparando sua caminhada na conquista de cada vez mais consciência espiritual. Que seu coração siga livre e puro, preservando os laços reais de amor e respeito entre as criaturas e que, ao compartilhar com alegria as dádivas que recebe, você celebre a abundância com que abençoou a todos.

Em amor e coragem,

Aquela que é.

